

## Escolas morfológica ou funcional como base da formação médica?

Prof. Dr. med. Walter Büngeler

E' uma honra especialmente agradável para mim, poder falar hoje, como hóspede da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, sôbre um têmea geral, tal como as bases do ensino médico. Bem ao par dos métodos de ensino da Europa, e principalmente da Alemanha, eu me preocupei durante os dois últimos anos, como professor em São Paulo, com os problemas da educação médica brasileira. Pego aos senhores que não me considerem como entrando em seára alheia, si falar hoje francamente e de acôrdo com minhas próprias convicções, sôbre um têmea que, provavelmente, também preocupa vivamente aos senhores. Si, nesta ocasião, eu fizer em alguns pontos, uma crítica muito franca, não o faço pela crítica em si, mas sómente para indicar uma orientação cujos resultados já foram satisfatoriamente estabelecidos. Não será minha intenção entrar em detalhes, mas vou expôr sómente os princípios gerais, e esboçar assim uma armadura para a construção posterior.

E' compreensível que um país que se encontre em tão rápido progresso como o Brasil faça esforços consideráveis para equiparar-se, tão depressa quanto possível, ao nível de adiantamento a que já chegou a Europa em vários ramos do conhecimento humano. Esse esforço pôde ser facilmente convertido em realidade, sem prejuizos para a evolução, no que diz respeito a aperfeiçoamentos técnicos. Aquisições técnicas, métodos de trabalho industrial e progressos na organização do trabalho são fáceis de ser introduzidos; de regra, ao fim de pouco tempo podem ser adaptados às condições locais e concorrem de modo preponderante para o progresso do país. Já o mesmo não se observa no terreno científico. Queremos ocupar-nos especialmente da *Medicina* como ciência. Ela nos vai apenas servir de exemplo, pois as condições existentes em relação aos outros ramos científicos não são diferentes. Si nós, portanto, falamos sôbre problemas de educação em medicina, podemos, contudo, estender nosso modo de ver, sem modificações, a outros ramos do conhecimento humano.

Um país jovem deverá sempre esforçar-se por atingir, tão depressa quanto lhe fôr possível, não só o estado de civilização como também o estado cultural de países mais antigos. Tal esforço traz, porém, um grande perigo consigo. As criações culturais crescem organicamente, não podem ser produzidas à fôrça, nem podem ser simplesmente transplantadas de um país para outro. E' um erro fundamental suporem que instituições culturais velhas de séculos, servindo a povos que apuraram suas qualidades no decurso de séculos de lutas e de sofrimentos, se podem aplicar *sem modificações* ao Brasil.

As criações científicas puras só se podem desenvolver sôbre uma *base larga*. Si bem que hoje obras universais como as que foram produzidas por *Goethe*, *Helmholtz* e outros, não sejam mais possíveis a um só homem, por causa da imensa extensão e multiplicidade da ciência, devemos contudo, hoje como dan-

tes, agarrar-nos ao "ideal de uma base larga". A especialização em um ramo científico só produz bons resultados quando ela é feita apoiando-se em conhecimentos mais gerais e mais amplos. Tocamos agora num ponto importante do sistema educacional seguido entre nós. Já ainda em verdes anos (não raro com 16 anos) começa o estudante brasileiro sua especialização na carreira. Escolhe desde então sua profissão futura, seu "premedico" ou seu "prejuridico" e daí por diante orienta sua preparação exclusivamente tendo em vista a profissão que escolheu. E acrescenta-se que tal atitude é tomada tendo como base um curso secundário deficiente, em que o menos que se procurou foi aprender realmente, e o supremo ideal foi passar pela humanidades tão depressa quanto possível. Para ter-se idéia do descalabro a que chegou o ensino secundário no Brasil, basta que se atente na multiplicação assombrosa de ginásios particulares por toda a parte, alguns dos quais anunciando nas portas, em letras garrafais, que neles é possível a realização de todo o curso secundário em três anos!

Iniciado o curso superior, levado sempre pela mesma tendência, o estudante já escolhe desde logo, na medicina, o seu ramo de especialização: êle pensa e trabalha exclusivamente como cirurgião ou como bacteriologista, por exemplo. Com isso, perde desde cedo a noção das relações íntimas existentes entre sua especialidade e os outros ramos da medicina. Êle poderá tornar-se um bom técnico, por método, em sua especialidade; essa orientação unilateral, porém, nunca o fará capaz de realizações científicas. Esta unilateralidade no modo de compreender a ciência traz também, mais tarde, em anos posteriores, novos perigos para o indivíduo. Êle acompanha com zelo e trabalho a literatura estrangeira, porfia por estar ao par do que se passa, cuida de aplicar em sua especialidade as mais modernas aquisições. Para isso faltam contudo as condições prévias, isto é, o espírito científico e a capacidade de crítica científica. Quem nunca trabalhou cientificamente jámais estará em condições de ler com espírito crítico um trabalho científico, jámais estará em condições de compreendê-lo integralmente. Si falta larga base, peca toda a estrutura para cima. O estudo da literatura nestes casos leva à formação de "um saber-dicionário", isto é, o indivíduo pode, na melhor das hipóteses, colecionar grande quantidade de conhecimentos isolados, conservá-los de memória, mas ser-lhe-á impossível pensar de maneira construtiva com êses elementos esparsos, será incapaz de aproveitá-los em uma síntese científica e com êles abrir novos rumos de investigação.

Temos podido repetidas vezes fazer a observação de que o estudante brasileiro, com uma fácil capacidade de compreensão, com sua inteligência de um modo geral acima do nível médio, com seu grande interesse amiude demonstrado, ao fim do curso chega possuindo grande massa de conhecimentos isolados. Raramente pudemos, contudo, observá-lo utilizando-se dêses conhecimentos de modo construtivo.

Onde estará o êrro fundamental nesse sistema de educação? Deu-nos aqui sempre na vista o fato do estudante ocupar-se muito cedo, e talvez de modo demasiado intensivo, com coisas complicadas; êle começa, de certo modo, a estudar a ciência de trás para diante. Disto podemos dar um exemplo simples: A anatomia patológica é, antes de tudo, uma ciência morfológica. A abertura do cadáver, a inspeção da posição ocupada pelos órgãos, a verificação macroscópica de alterações orgânicas e das relações existentes entre elas esclarecem, conjuntamente com as observações clínicas, na maioria dos casos de um modo completo, o quadro da moléstia, sua origem e seu decurso. Condição prévia, porém, para que se chegue a tal resultado é ter-se uma certa ca-

pacidade de observação, assim como uma certa experiência na *maneira de vêr*. O patologista que já dispõe de uma certa experiência chega a conclusões decisivas, de regra, numa autópsia sem o exame microscópico dos órgãos. Sempre se pode fazer a observação de que tanto mais curto é um protocolo e tanto menor número de exames microscópicos de órgãos apresenta, quanto maior fôr a experiência de quem executa a autópsia. Com frequência temos visto aqui, principalmente em se tratando de estudantes, que a execução da autópsia é, por assim dizer, feita às avessas. A descrição macroscópica é muitas vezes longa de páginas para cada órgão, mas feita de tal maneira que um patologista, mesmo experimentado, ao lê-la não é capaz de chegar a diagnóstico. O *diagnóstico anatômico*, via de regra, inteiramente, é reservado para o exame microscópico. A histologia patológica é, porém, apenas um ramo de anatomia patológica, representa apenas um complemento, que na verdade exige, para ser dominado, uma experiência muito maior do que a necessária para o diagnóstico macroscópico. Queremos de novo, mais uma vez, frisar que o achado microscópico serve em cada caso apenas para completar o diagnóstico macroscópico, às vezes corrigi-lo ou elucidá-lo em casos duvidosos. Nossa experiência pessoal sempre nos está mostrando que entre nós se procede de modo inverso: deixa-se de lado o método mais simples, não se educa a vista (a visão morfológica), mas começa-se logo com o método mais complicado, que é incomparavelmente mais difícil e, por si mesmo, só em casos raros permite o esclarecimento do quadro mórbido. Mesmo ao mais experimentado patologista seria impossível, na maioria dos casos, reconstruir um diagnóstico anatômico apenas com as várias preparações microscópicas de órgãos que lhe fossem apresentadas; onde falta a base mais simples e mais primitiva, não é possível a interpretação de um achado de autópsia mais complexo. Com êste exemplo que acabamos de dar, tocamos num problema fundamental do sistema de educação e num erro grave que consiste no desprezo sistemático dos métodos de trabalho mais simples e que dão apesar disso, muitas vezes melhores resultados. Impressiona muito mais o médico que por uma simples palpação manual é capaz de diagnosticar uma lesão cardíaca; é certamente muito mais médico do que o colega que só é capaz de chegar ao mesmo resultado depois de vários exames radiográficos feitos com os aparelhos mais modernos, etc.

Aconselhamos, portanto, a que se aprenda o método mais simples, aplicando-se o mais complicado só em casos excepcionais. E' o desconhecimento que se nota amiude entre nós, do progresso científico real, de supôr que um trabalho científico só é realizável com o auxílio de aparelhos complicados. Os maravilhosos trabalhos sôbre a fisiologia da pele e sua vascularização, de *Thomas Lewis*, tão sedutores e tão completos, foram realizados com os métodos mais simples que se podem imaginar (um alfinete e a pele do braço dos assistentes constituíram toda a aparelhagem). Para tal realização era, contudo, condição prévia um dom de observação maravilhosamente educado e uma brilhante aptidão para saber ver.

Seria naturalmente absurdo querer discutir a importância de progressos técnicos para a ciência. Ninguém pode desconhecer quanto a anatomia e a patologia progrediram com a descoberta do microscópio. Contudo, ainda aqui podemos manter a afirmação de que a ciência microscópica não pode ser outra coisa sinão o complemento da morfologia macroscópica; de si mesma, nenhum direito tem à existência. Ainda com o exemplo do microscópio, podemos demonstrar facilmente a importância exagerada que o inexperiente dá a aperfeiçoamentos técnicos. Quanto menos o estudante ou o médico entende de ana-

tomia microscópica, tanto mais tendência terá êle para trabalhar com um microscópio que lhe fornece aumentos fantásticos do material objeto de exame. Temos, na Alemanha, para esta espécie de histologistas, a denominação de "microscopistas de imersão", espécie esta de histologistas que é muito numerosa, principalmente entre os estudantes, aqui. Imaginam que podem chegar mais facilmente a um diagnóstico correto empregando os maiores aumentos possíveis. Todo o histologista experimentado sabe, porém, que é possível chegar-se a quasi todos os diagnósticos com os mais fracos aumentos; sabe até que com êles tornam-se mais fáceis os diagnósticos.

Temos notado aquí, de modo nítido, em vários lugares, um certo "fetichismo pela aparelhagem". Raramente temos visto institutos tão bem instalados, dispoendo de tão grande quantidade de aparelhos científicos como os que se encontram no Brasil. E', porém, um grande êrro pensar que com isso se tenham preenchido todas as condições indispensáveis a um trabalho científico. Quem não domina de modo completo os métodos mais primitivos de trabalho científico, nada conseguirá num caso especial, com instalações complicadas. Devemos logo perguntar-nos qual seja o método de trabalho e de pesquisa mais primitivo em medicina. A tal pergunta pode-se responder dizendo que é o emprêgo racional do ôlho, a *visão morfológica*, portanto, que representa a base de todo conhecimento médico. Se nós exigimos, por isso, uma aplicação mais rigorosa e mais completa dos métodos mais simples, tal exigência não significa outra coisa sinão um aperfeiçoamento mais completo da visão morfológica, que é descuidada muitas vezes de um modo catastrófico entre nossos estudantes. Sempre estamos a fazer a observação de que, por exemplo, em uma aula de demonstrações anatomo-patológicas, o estudante não é capaz de descrever corretamente um órgão, isto é, sua forma, côr e consistência. Se nós, porém, lhe fizéssemos alguma pergunta sôbre a morfologia dos cromosomas das células hepáticas, teríamos logo uma informação completa.

Aquí, portanto, do mesmo modo, a mesma verificação: a medicina e seu estudo são começados de trás para diante, aprende-se o método mais complicado e, com êle, o pormenor; os grandes conhecimentos fundamentais são, ao contrário, sistematicamente relegados a plano secundário.

Nossa exigência ressoa por isso na frase: *voltemos à morfologia!* Não é absolutamente supérfluo aproveitarmos agora a ocasião para nos ocuparmos, ainda que de modo sucinto, da importância da morfologia em medicina. Enquanto nesta existir o ramo mais importante de ciência morfológica, a saber a investigação da estrutura do homem e do quadro anatômico da moléstia, terá que ocupar êste ramo de ciência um lugar proeminente na formação dos médicos. E' compreensível que, sómente por motivos científicos, sem cogitarmos de aplicação prática, aprendamos e dominemos a anatomia. Si alguma criação da Natureza é, por acaso, digna de ser investigada por motivos de ordem puramente científica, tal deve ser o corpo humano, no qual se nos depara a Natureza na culminância de seu poder criador. Une-se aquí, sem especial esforço, a vantagem prática do desempenho das tarefas médicas ao conhecimento científico. Também não fazemos ciência morfológica só por motivos de ordem *ética*. Já diante da existência de qualquer sêr vivo, mergulha o espírito receptivo em admiração cheia de espanto porque a menor porção do universo já oferece de si o primeiro e o maior de todos os enigmas. Contemple-se um cristal e admire-se nele o princípio da perfeição e da ordem. Causa-nos espanto e admiramos igualmente a perfeição na estrutura das plantas e de cada animal. Citamos *Goethe*: "Se não começardes com a admiração, nunca penetrareis no âmago das coisas sagradas." *Justus Liebig* explicou a necessidade

ética das ciências naturais, dizendo que sem o conhecimento das leis e dos fenômenos naturais fracassará o espírito humano na tentativa de fazer uma idéia da grandeza e da sabedoria imperscrutável do Criador.

Razões científicas, práticas e éticas deram origem à anatomia. Seus primórdios podem ser recuados para as épocas mais primitivas da existência do homem e pertencem, por isso, à prehistória. Sem dúvida, partiu da arte de curar o impulso principal à coleção de conhecimentos anatómicos, que em seus primeiros inícios se encontravam entre sacerdotes. Já na antiguidade se nota o esforço, oriundo da mera curiosidade de saber, para que se conhecesse a composição do corpo humano.

Já vimos na antiguidade, com surpresa, a exigência estabelecida por *Hipócrates* (460—377 A. D.) de que só através da experiência e da pesquisa se pode obter conhecimento das coisas naturais, e que o livre arbítrio, a fantasia desenfreada e a superficialidade levavam, pelo contrário, aos caminhos do êrro. Tal orientação, sabe-se hoje por *Heráclito*, *Anaxágoras* e principalmente por *Diógenes*, já dominava, antes de *Hipócrates*, as escolas médicas de Iônia, de Kroton, de Kyrene e Knidos. Si acompanharmos a história da primeira obra de anatomia de *Alkmaeon* (500 A. C.) através de *Aristóteles*, *Herophilus*, através dos reis egípcios, de *Celso* e de *Galeno*, vemos sempre a pesquisa anatómica em meio ao pensamento e à ação dos médicos. Com frequência vemos partir de charlatães e dos chamados “médicos biologistas”, o grito de que é preciso lembrar-se de *Hipócrates*. Devemos, porém, antes de tudo, lembrar-nos de que *Hipócrates* foi, em seu tempo, um representante eminente das ciências naturais e que defendeu com todo o pêso de sua autoridade a vantagem da pesquisa natural contra especulações fantásticas.

A decadência, durante séculos, da medicina que se seguiu à antiguidade está ligada à decadência da anatomia, e a restauração da ciência médica, partida da Italia, inicia-se com os escritos de *Avicenna* sobre a estrutura anatômica do corpo humano. O grande impulso, que se seguiu, tomado pela medicina no 16.º século, seria impossível sem a grande obra anatómica de *Andreas Vesalius* (1514—1565). Esta época de resurgimento na medicina é caracterizada pela ação de grandes anatomistas entre os quais citaremos ainda *Eustachius*, *Fallopio*, *Bauhin* e principalmente *Harvey* (1578—1657). Com o aperfeiçoamento dos métodos de pesquisa morfológica e especialmente pela invenção do microscópio no ano de 1620, toma a ciência anatómica e com ela toda a medicina, um novo impulso até então jamais observado. Inicia-se com *Malpighi* (1628—1694) e *Leeuwenhock* (1632—1723) e, ao citarmos da época que se seguiu, entre os numerosos grandes naturalistas e médicos, os nomes de *Morgagni*, *Lieberkühn*, *Albrecht Haller*, *Meckel*, *Hunter* e *Sömmering*, temos uma idéia da importância preponderante da morfologia na evolução de toda a medicina. Em 1761 *Giovanni Battista Morgagni*, aos oitenta anos de idade, expõe as experiências de cincoenta anos de investigação anatómica numa obra de cinco volumes *De sedibus et causis morborum per anatomem indagatis*, tornando-se com êle o fundador de um novo ramo da morfologia — a anatomia patológica. Foi um feliz acaso o fato da época de *Morgagni* ter coincido com o período da fundação da fisiologia científica por *Haller*.

Devia-se primeiro conhecer a função normal de um órgão, para que se pudessem estabelecer as relações causais entre uma alteração anatómica e um sintoma de moléstia; só então poder-se-ia julgar até que ponto um sintoma seria expressão de função alterada. “Die anatomische Pathologie setzt nicht nur Anatomie, sondern auch anatomische Physiologie voraus” (*Sigerist*). (A

patologia anatômica presuppõe não só anatomia mas também fisiologia anatômica). Tal condição encontrava-se realizada em *Morgagni* pela obra de *Haller*, que posteriormente foi ampliada e completada por *William Harvey*. Podemos assim considerar com *Sigerist* a anatomia e principalmente a *anatomia patológica* como sendo a base absoluta de nossa medicina ocidental.

Era a medicina até o fim de século 18 dominada pela morfologia puramente descritiva; observamos no início do século 19 o começo da anatomia comparada e da embriologia. *Cuvier*, *Goethe*, *Meckel* e *Johannes Mueller* mostraram aqui o caminho e lançaram as bases seguras sôbre as quais *Baer*, *Lamarck*, *Darwin* e *Haeckel* puderam construir obra duradoura. Seus trabalhos e seus conhecimentos originaram-se da observação, do conhecimento da estrutura dos seres vivos, e o progresso indubitável que os trabalhos dêles significa, não teria sido possível se êstes homens não tivessem sido morfologistas eminentes. Também o último grande impulso que a ciência médica recebeu, partiu da morfologia e de um de seus mais ilustres representantes, *Rudolf Virchow*. Durante muito tempo atribuiu-se à fraqueza da idade dêste grande alemão o fato de não ter mostrado simpatia pela nova ciência recém-fundada por *Pasteur* e *Robert Koch*, e só hoje nós compreendemos (pensamos sobretudo na sua atitude em relação às idéias de *Koch* sôbre a tuberculose humana) que êle tinha razão em muitos pontos. Sabemos hoje que a orientação morfológica de *Virchow* nos permitiu conclusões melhores e mais seguras do que todos os demais métodos de investigação.

Pudemos demonstrar, assim, através da história da medicina, como cada progresso da medicina está estreitamente ligado à orientação anatômica e como o abandono desta base segura acarreta uma decadência sem limites da ciência médica. Por isso pode causar-nos admiração o fato de que, de certo número de anos a esta parte, se observe um certo desvio da orientação morfológica, parecendo-nos que tal desvio da pesquisa exata dos fenômenos naturais e da morfologia traga certos progressos. Si, porém, estamos autorizados a tirar conclusões da evolução da medicina, parece-nos termos o dever imperioso de pôr paradeiro a êste estado de coisas. Uma tal tentativa só poderá dar resultados, si procurarmos esclarecer as razões dêsse desvio. *Paul Ernst* foi o primeiro a chamar atenção para a lamentável diminuição da capacidade de ver, da *necessidade morfológica*, como êle dizia por analogia com a "necessidade metafísica" de *Schopenhauer*. Quer exprimir com isso a necessidade de um sistema, de uma explicação uniforme de toda a experiência humana em que é compreendida a morfologia como o queria *Goethe*, isto é, como sendo a formação e transformação das formas orgânicas, mesmo no sentido mais amplo, abrangendo formação, coordenação e caracterização delas. *Marchand* escreveu certa vez — "Fiz com meus ouvintes contristadora experiência sôbre a capacidade deficiente de ver, isto é, sôbre a capacidade de recepção e elaboração interna do que foi visto. Costumo dividir meus ouvintes em três grupos: 1) a grande maioria dêles não pode ver nem assimilar o que lhes é mostrado; 2) o segundo grupo é constituído pelo número relativamente pequeno dos que possuem tal capacidade; 3) é constituído pelo limitadíssimo número dos que podem ver algo que não lhes tenha sido mostrado. Muitos podem aprendê-lo com o correr dos tempos, mas verifica-se, pela experiência que se tem de exames, que o número dêles é muito diminuto; tal é a razão por que o resultado do curso é para muitos médicos, ao concluí-lo, bem deficiente. "Parece ser um sintoma de nossa época, que se faz sentir em todas as coisas (res), mas também no terreno do humanismo, que procura compreender o *homo*, ve-

rificar-se que essa necessidade morfológica está desaparecendo e que um rico material de observação é objeto de indagações parcas e frias. As causas desta lamentável manifestação se encontram na educação da criança e na formação do homem jovem. A experiência pedagógica milenar foi lançada aos ventos e para brincar são dadas à criança coisas inteiramente preparadas. Com o abandono de toda a função formadora e com o dito — aprender pela alegria e pelo brinquedo — tem-se obstado à visão morfológica e ao prazer da criação de fôrmas. O homem em crescimento e em vias de formação é educado no menosprêzo da morfologia e daí, como consequência — uma teoria científica natural só pode ser mecânica, todo o ensaio de explicação da natureza limita-se à demonstração de relações causais, limita-se a verificar como um fenômeno produz outro. Não podemos porém compreender um fenômeno natural sem que salientemos sua finalidade. A explicação mecânica da natureza não é capaz, com o auxílio de concepções científicas, de tornar completamente compreensível nossa experiência total, ela não pode, portanto, prescindir inteiramente da contemplação *teleológica* da Natureza. Uma orientação mais teleológica terá sempre de ser adotada toda a vez que teorias científicas não bastem à explicação, toda a vez que o mecanicamente inexplicável der a impressão da finalidade. Teleologia crítica só se pode aplicar a concepções que ficam nos limites da explicação mecânica da natureza, e a vida é uma concepção desta ordem. O organismo não é um mecanismo, mas êle *tem* sempre um mecanismo. Uma explicação puramente mecânica da vida não foi até agora possível e nem tampouco o será; a própria mecânica embriológica (*Entwicklungsmechanik*) não subsiste sem as concepções teleológicas da adaptação e das determinantes. A tese da construção puramente mecânica do universo só se originou no XIX século, e os fundadores da “nova scientia”, *Galileu*, *Kepler* e *Newton* ainda pensaram de modo diferente. Citamos uma carta de *Kepler* a *Fabricius*: “Tu me censuras porque não procuro abranger a Natureza em sua totalidade, mas só em seu aspecto quantitativo. A isto replico: o quantum é sua cauda e a ela me agarro e por isso agarro-me firmemente”. Talvez decorra dessas concepções a tendência que se observa nas ciências naturais de se atribuírem diferenças qualitativas nas propriedades das coisas a variações do eter, etc., pois uma teoria mecânica e matemática necessita de grandezas mensuráveis, e para ela serve apenas o que pode ser determinado quantitativamente. Segundo *Kant*, só ha de ciência em toda a doutrina natural o que nela de matemática se possa encontrar, e segundo *Helmholtz* é objetivo de toda a ciência natural resolver-se em números.

A aplicação dêsses postulados rígidos á medicina constitue a causa essencial do menosprêzo da morfologia e, por isso, também resulta êle de uma incompreensão.

Os conceitos de homem e de vida e todos os conceitos que com aqueles estreitamente se relacionam, são inacessíveis à teoria mecânica, são conceitos que se encontram nos limites da explicação mecânica da Natureza, aos quais é necessária e geralmente aplicável uma orientação teleológica como princípio heurístico na indagação de relações mecânicas. Si a ciência natural não desanima de explicar mecanicamente seu problema capital — o organismo — nem por isso deixará êste, no íntimo, de resistir sempre a êsse esforço e por isso é deixado à margem e abandonado como sendo rebelde e medíocre.

Temos boa razão em invocar *Goethe* como espírito propício em nossa esperança de resurgimento da necessidade morfológica, por causa da sua mages-

tosa e uniforme compreensão da Natureza em seu todo, colocando em lugar da série matemática a concepção de uma sabedoria vital da Natureza, vindo por toda a parte uma unidade cósmica, anunciador que foi da pura concepção de que decorre todo o pensamento, todo o saber.

Seria tolice combater métodos matemáticos e mecânicos que deram resultados magníficos. Como dantes, devem ainda hoje na pesquisa dominar a mecânica e a matemática; em doutrina, em educação, no ensino domine porém o conceito do que o mundo da vista é um dom muito mais rico para o jovem médico do que uma pasta cheia de curvas e de fórmulas matemáticas.

Onde porém melhor se abre ao jovem estudante êste mundo dos olhos do que na morfologia? Assim como a anatomia representa a base segura da fisiologia, assim também seria incompreensível o aprendizado da medicina clínica sem a base larga e segura da morfologia patológica. Como pode um médico reconhecer uma pneumonia lobar, como pode ter uma idéia da ação das medidas terapêuticas, se não lhe fôr conhecido em todas suas minúcias o quadro anatômico desta moléstia em toda a sua evolução e em todo o seu decurso? E' por isso nosso conselho: no ensino, deixemos a especialização precoce, deixemos a "tecnização" e "matematização" exageradas da medicina e voltemos ao método mais simples da morfologia, à observação direta com os olhos!

E' ainda francamente absurdo o número de vezes que se é obrigado a demonstrar no Brasil o valor da ciência teórica e principalmente da ciência puramente morfológica (morfologia patológica). A compreensão para isto é, entre a população e em vários ramos do govêrno, igualmente diminuta. Será a causa disso o fato de termos aquí um ramo da medicina cujos resultados não se deixam computar diretamente em juro de natureza material ou abstrata? Ficam na maioria das vezes vedados ao patologista os rumores da publicidade ampla, porque não lhe é dada, como ao clínico, a possibilidade de um contato íntimo com a massa do povo. Sua formação processa-se lentamente, pensosamente, anos a fio, com remuneração escassa; sua atividade se desenvolve mais tarde na solidão e no silêncio. Contudo, ela tem sido, desde muito tempo, da mais alta significação para a medicina prática. As novas aquisições devidas à anatomia patológica vêm sempre em auxílio, em primeira linha, da clínica e do clínico. Sabemos muito bem que há patologistas que concebem sua profissão como um objetivo puramente pessoal e que por isso foram se cercando cada vez mais de completo isolamento. Justamente em institutos universitários, com sua atividade científica muitas vezes unilateral, se tem feito sentir êsse isolamento e êsse desvio dos objetivos essenciais da patologia, muito em detrimento desta especialidade. Seria supérfluo perder mesmo uma palavra afim de insistir-se no valor da anatomia patológica para o estudante e para o aperfeiçoamento do médico. A mesa de autópsia é sempre para o clínico consciencioso o único lugar em que êle se pode controlar de modo completo. A experiência ganha junto a ela serve-lhe antes de tudo para mostrar-lhe o caminho para diagnósticos mais precisos e, com êles, para uma terapêutica mais adequada. Nossa colaboração oferece-lhe um caminho promissor para constante aperfeiçoamento e ampliação de seu saber, o qual trará, finalmente, benefícios para a coletividade. Sempre pareceu-nos incompreensível a recusa frequente da autópsia por parte dos médicos e dos que o cercam. Exatamente aqueles que não devem pelo menos à anatomia patológica, seu saber e sua existência, deveriam ser os primeiros a empenhar-se na execução da autópsia mesmo que o diagnóstico pareça inteiramente fóra de dúvida diante do

achado do exame clínico. Com o material rico, procedente de várias clínicas, seria sempre muito fácil demonstrar com números quão errônea é, com frequência, essa impressão de diagnóstico "seguro". Sempre tem sido possível fazer a observação que é exatamente o médico mais seguro de seus diagnósticos que insiste na autópsia em todos os casos, enquanto que tal possibilidade de controle próprio nunca é tomada em consideração pelos máus médicos. Com grande satisfação lembro-me do Chefe da Clínica Médica da Universidade de Frankfurt am Main (Prof. Franz Volhard), de cujo espírito de auto-crítica é característico dizer-se que não existia em seu Serviço recusa de necrópsias. Ele próprio mais de uma vez assegurou que a extraordinária precisão diagnóstica de sua Clínica era devida principalmente ao controle à mesa de autópsia de todos os diagnósticos feitos. Esta colaboração estreita entre o clínico e o patologista não é útil somente para o clínico. Se a patologia não deve ser um ramo isolado, só poderá produzir trabalho proveitoso interpretando corretamente a significação do processo morfológico pela comparação constante entre o achado anatômico e a "functio laesa".

A técnica necessária ao ensino da morfologia e especialmente da morfologia patológica é simples; seu aparelhamento consiste num material, que pode ser com facilidade obtido e em um ôlho educado. Preenchidas tais condições foi nosso objetivo, no presente discurso, mostrar a urgência dessa nova orientação. Possa ele contribuir para que se multipliquem no Brasil centros bem organizados para o estudo da anatomia patológica, em a mais íntima colaboração com a clínica.

Uma boa formação de Anatomia Patológica, os conhecimentos exatos das alterações anatômicas e de suas relações intrínsecas representam a base mais ampla e segura para a medicina clínica.

Quando se constrói sobre tal base, então os conhecimentos clínicos repousam sobre um fundamento muito firme. Assim como a fisiologia ficará sempre incompreendida sem a base de anatomia normal, também a fisiologia patológica não é compreensível sem os conhecimentos da anatomia patológica.

A resposta à pergunta formulada no título será que a orientação morfológica é a base única possível sobre a qual o ensino funcional pode ser construído.

#### ZUSAMMENFASSUNG.

Am Beispiele der Medizin und insbesondere der Anatomie und der pathologischen Anatomie befasst sich der Verfasser mit allgemeineren Unterrichtsproblemen in Brasilien. Es wird kurz auf die Vorbildung des Studenten vor dem eigentlichen Universitätsstudium eingegangen. Dabei wird auf die sehr frühe Berufswahl des Medizinstudenten hingewiesen und gezeigt, dass das Studium im allgemeinen auf einer sehr engen und nicht immer gut fundierten Basis aufbaut. Es fehlt im allgemeinen die "breite Basis", die Spezialisierung erfolgt zu früh und der Student beginnt zu früh mit der Anwendung komplizierter technischer Methoden in der Medizin unter Vernachlässigung der einfacheren Arbeitsmethode, d. h. der **Schulung des Auges**. Er fängt gewissermassen das Medizinstudium von hinten an, d. h. mit der Erforschung der gestörten Funktion, ohne dabei genügende Kenntnisse des anatomischen Bildes einer Krankheit zu haben. Verf. gibt dann einen kurzen Überblick über die geschichtliche Entwicklung der Medizin und ihrer Abhängigkeit von der anatomischen Betrachtungsweise, wobei gezeigt werden kann, dass die geschichtlichen Höhepunkte der Heilkunde eng verbunden sind mit einem Hochstand der anatomischen Forschung und dass ihre Dekadenz fast gleichbedeutend ist mit einem Verlassen dieser sicheren Basis. Auch aus dieser geschichtlichen Betrachtung folgert die Forderung, die anatomische Betrachtungsweise im Unter-

richt in den Vordergrund zu stellen. So wie die Anatomie die Grundlage der Physiologie ist, so muss auch die pathologische Anatomie die Grundlage der klinischen Medizin darstellen. Es wird der Mahnruf von Paul Ernst "Zurück zur Morphologie!" zitiert und an das "**Morphologische Bedürfnis**" erinnert, wobei besonders der Kliniker auf die Vorteile einer engen Zusammenarbeit mit der pathologischen Anatomie hingewiesen wird. Die Arbeit schliesst mit der Empfehlung und mit dem Wunsch, der pathologischen Anatomie auch in Brasilien den hervorragenden Platz in der Ausbildung des Medizinstudenten und in der Fortbildung des Arztes einzuräumen, welchen dieses Fachgebiet seit den Zeiten Virchow's mit bestem Erfolg in Europa und insbesondere in Deutschland innehat.